

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Nas frestas do tempo: ensaios do perecível

Dinah de Oliveira, Universidade Federal do Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0001-8503-729>
dinahcesare@eba.ufrj.br

Resumo

O texto experimenta um modo de pensamento crítico com a dimensão do perecível na nos trabalhos da artista Castiel Vitorino Brasileiro. No sentido da hipótese trabalhada, a ativação metodológica de sua criação é uma imantação de radicalidades do pensamento negro na complexidade de um tempo póstumo gerador de mundo. O exercício de escrita parte da análise da série performática e fotográfica Copo flor (2016-atualidade) em operação com a noção de perecível concebida pela artista. A expansão da análise é lançada por meio de ferramentas críticas sob a perspectiva da encruzilhada epistêmica trazida por Luiz Rufino e dos pilares ontoepistemológicos discutidos por Denise Ferreira da Silva.

Palavras-chave: Castiel Vitorino Brasileiro. Denise Ferreira da Silva. Transmissão. Artes Visuais. Decolonialidade. .

Abstract

The research presented here experiments a way of critical thinking with the dimension of the perishable in the artist Castiel Vitorino Brasileiro's works. In the sense of the hypothesis worked on, the methodological activation of its creation is a magnetization of radicalities of black thought in the complexity of a posthumous time world generator. The writing exercise starts from the analysis of the performance and photographic series Copo flor (2016-current) in operation with the notion of perishable conceived by the artist. The expansion of the analysis is launched through critical tools under the perspective of the epistemic crossroads brought by Luiz Rufino and the ontoepistemological pillars discussed by Denise Ferreira da Silva.

Keywords: Castiel Vitorino Brasileiro. Denise Ferreira da Silva. Transmission. Visual arts. Decoloniality.

Poéticas de Exu-mação

e.xu.mar, *transitivo direto*

1. tirar da sepultura; desenterrar

2. (*figurado*) lembrar-se do que se havia esquecido; descobrir por meio de investigação

Iniciar esse texto com uma ação imagética faz parte do seu objetivo de experimentar uma escrita-pensamento em arte juntamente com as obras. Exumação como exercício perceptivo. A noção de exumação é trazida na sua complexidade entre o desenterrar dos mortos - dar a ver seus vestígios na tentativa de não privilegiar a interpretação¹ - e a criação de um tropo investigativo: o centro de um espaço, um lugar de ligação, mas também uma pequena parte, uma metade. Em sua reflexão sobre a poética negra feminista, Denise Ferreira da Silva reivindica a exumação como limpeza de terreno da separabilidade moral (ética), fundamento das estruturas coloniais, para além da qual, abre-se uma possibilidade de recriação de existências em um mundo implicado.²

Esse enquadramento pode ser uma das vias de aproximação com o trabalho da artista Castiel Vitorino Brasileiro (1996). Natural de Vitória, artista, escritora e psicóloga clínica formada pela Universidade Federal do Espírito Santo e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-São Paulo, Castiel produz um giro nas possibilidades de experiência vital de corpos não normatizados pelas condutas da racionalidade moderna, em direção a acoplamentos e relações intra e interespecies. Sua poética também envolve manifestações coletivas de transmutação e ressignificação do trauma como autocuidado. A artista se apresenta como quem “Vive a Transmutação como um desígnio inevitável. Dribla, incorpora e mergulha em sua ontologia Bantu. Assumi a cura como um momento perecível de liberdade. Estuda e constrói espiritualidade e ancestralidade interespecífica”³.

A noção de perecível, conceito criado por Castiel para falar de seus trabalhos instalados, infere a qualidade do transitório como estímulo para “estados corporais desconhecidos” e produz uma quebra em toda lógica de um futuro como salvação. De modo diverso, a efemeridade sempre atualizada na transmutação corporalizada

¹ Nossa referência aqui é o ensaio seminal de Susan Sontag, *Contra a interpretação*, do qual extraímos o seguinte trecho a fim de criar um contorno, mesmo deformável, para nossa posição: “O fato é que, no mundo ocidental, a consciência e a reflexão sobre a arte permaneceram dentro dos limites fixados pela teoria grega da arte como mimese e representação. É em função dessa teoria que a arte enquanto tal – acima e além de determinadas obras de arte – se torna problemática e deve ser defendida. É a defesa que a arte gera a estranha concepção segundo a qual algo que aprendemos a chamar de [forma] é absolutamente distinto de algo que aprendemos a chamar de [conteúdo], e a tendência bem-intencionada que torna o conteúdo essencial e a forma acessória” (SONTAG, 1964. 2018, p. 12).

² Denise Ferreira da Silva em *A dívida impagável*: “Esta limpeza de terreno – a exposição e a exumação da separabilidade – é animada pela urgência de confrontar a violência (autorizada e justificada) total da polícia e das cortes de justiça, a qual ainda é facilitada pelas arquiteturas coloniais operando no presente global. Seu intuito é reclamar, demandar a restauração do valor total expropriado das terras do nativo e do corpo do escravo” (FERREIRA da SILVA, 2019, p. 87).

³ Disponível em: <https://castielvitorinobrasileiro.com/>. Acesso em 10/12/2021.

é marcada pelo caráter destrutivo histórico que concebe novamente uma parcialidade implicada no mundo. Em seus trabalhos pensados como “espaços perecíveis de liberdade”⁴, o espaço ordenado pelo entendimento do *cogito* cartesiano se emancipa e o corpo experimenta seu estado-ser de liberdade como matéria imantada pela obra. Nas palavras da artista:

Para criar um espaço perecível de liberdade, necessito entender e respeitar a comunidade biótica que acontece naquela parte do ecossistema em que desejo cultivar as memórias da transfiguração. Me sinto livre quando me relaciono com os reinos vegetais e minerais, não com a minha raça ou negritude, mas a partir de minha animalidade.⁵

Em sua série de experiências instalativas, *Quarto de cura* (2018-atualidade), a artista constrói um espaço com objetos e elementos que permeiam seus mergulhos-memória: troncos, desenhos em aquarela, água, fotografias digitais e analógicas, "Álbuns de família, diários, textos emoldurados. Tambores, potes de vidro e plástico, velas, água, pedras, conchas, incensos, defumador, esteira de palha, mesa e prateleira de madeira, xarope, garrafadas, pomadas. Aroeira, rosa branca, rosa vermelha, folha de pitanga, hibisco, arnica, mulungo, manjeriço, e outras ervas”⁶. Independente dos limites da arte ou princípios de identidade, neste espaço, o corpo aspira menos à pura presença do que à convocação para uma organização simbólica junto a ele, tracejada por uma lógica outra.

No presente artigo apresentamos um recorte da pesquisa que se dirige ao lugar experimental de uma escrita e a um modo de pensamento crítico com a dimensão do perecível, articulada pela artista Castiel Vitorino Brasileiro em suas criações. O exercício de escrita parte do contato com a série performática e fotográfica *Copo-flor* (2016-atualidade). A hipótese que procuramos desenvolver não faz mais do que registrar possibilidades críticas e metodológicas, no agora-e-sempre-já junto ao trabalho da artista, de lógicas outras que mais sistematicamente são obstruídas.

Neste sentido, interessa pensar aqui como a dimensão poética do perecível nos indica um campo epistêmico que desloca valores como os de gênero e de negritude para lugares de agência no movimento de (re)pensar o mundo e o sujeito perceptivo em arte. Para tal investigação nos lançamos à operação com conceitos sob a perspectiva da encruzilhada epistêmica trazida por Luiz Rufino e com os pilares ontoepistemológicos discutidos por Denise Ferreira da Silva.

⁴ Castiel Vitorino Brasileiro, ver em <https://castielvitorinobrasileiro.com/>

⁵ Disponível em: <https://castielvitorinobrasileiro.com/>

⁶ Castiel Vitorino Brasileiro, ver em <https://castielvitorinobrasileiro.com/>

Transmutação imagética de uma carnadura: *Corpo-flor*



Figura 1. Castiel Vitorino Brasileiro, *Corpo-flor*, 2016-atualidade. Fotografia de performance. Dimensões variadas. Acervo da artista. Fonte: https://castielvitorinobrasileiro.com/foto_corpoflor.

Corpo-flor, série performática iniciada em 2016, se inscreve imagetivamente em autorretratos construídos por uma rede de afetos preparada por familiares, amores e pessoas amigas. As fotografias iniciais da série são como paisagens corporais de movimentos que revelam a transfiguração do corpo da artista, utilizando materiais vegetais e minerais. Com o tempo, os registros imagéticos recordam um escape às ordenações de estado e localidade no que diz respeito às fronteiras corporais, oferecidas como regiões prontas a serem transpostas de estados. Este lugar-limite é recriado pelo acoplamento de substâncias orgânicas dos reinos vegetal e mineral, tornando necessário para sua recepção e experimentação, o esvaziamento da concepção clássica de diferenciação entre seres, o que nos causa certa vertigem, ou hesitação em significar.

Retomando o significante carnadura que nomeia esse tópico de escrita, ter tal significante como intercessor tem a ver com convocar o mal-estar para o pensamento da cultura, o mal-estar que a forma simbólica traz e faz comparecer por ser estruturante da noção ocidental sobre o significar⁷. Nesta proposição, o hibridismo de *Corpo-flor* é um contraponto ao assujeitamento, suportado mais efetivamente pelo acoplamento de materiais pensado como corte e assumindo uma encarnação desejanse apoiada pela performance.

O perecível como elemento conceitual pode ser tomado em *Corpo flor* como uma ação relacional provocativa da exibição de um sempre-já próximo-de-sujeito, um próximo-de-flor, um próximo-de-mineral. Diante/com esta semântica que concebe algum lugar no espaço fora do tempo em que nos encontramos, um efeito sonoro salta de suas imagens nos parecendo sons dos seres e dos elementos da terra se movimentando em seus ininterruptos processos de transmutação, mesmo em suas imobilidades.

A perecibilidade em Castiel nos conecta com um profundo sentido de morte e transmutação que, paradoxalmente, conserva a vida pela evaporação das águas e seus ciclos, pelos múltiplos processos de transubstanciação, nos levando a consentir que tudo o que sustenta nosso mundo é resíduo. O dispositivo possível para afirmação das vidas neste imagear, em que o desmoronamento do mundo é seu fundamento, pode ser uma proposição de lógicas outras de existência na encruzilhada de suas sobras que em Castiel se tornam energia não-ligada.

Encruzilhada epistêmica como afirmação da vida

A cosmopercepção de *Corpo-flor* nos encaminha ao dispositivo amarrado pelo professor e mestre da mandinga, Luiz Rufino, como demarcação de desejo na operação desse texto: atravessar as imagens do trabalho artístico de Castiel Vitorino

⁷Na esfera da significação e do mal-estar tomamos uma reflexão de Giorgio Agamben para trazer a definição hegeliana de símbolo como signo, quer dizer, como uma unidade que compreende um significado e a sua expressão imediata e que, no entanto, é firmado pela persistência de um “[desacordo parcial] e uma [luta] entre forma e significado” Seguindo com Agamben ele vai dizer que o fundamento desta ambiguidade estruturante do processo de significação é aliado da própria “fratura original da presença, que é inseparável da experiência original ocidental do ser, e pela qual tudo aquilo que vem à presença, vem à presença como lugar de um diferimento e de uma exclusão” (AGAMBEN, 2007, p. 218).

Brasileiro, e mais especificamente aqui sua noção de perecível com os fazeres da *Pedagogia das Encruzilhadas*⁸. A perspectiva da encruzilhada é uma mirada poético-política baseada no enlaçamento das multiplicidades presentes nas esquinas cariocas em conformidade com o caráter de Exu, como uma instância de enunciação cognitiva do senhor das possibilidades, que devolve ao mundo o conhecimento apreendido em sua permanência com Oxalá, mas que “cospe o que engoliu de forma transformada”⁹. A encruzilha como epistemologia converge e arremessa a formação pluriversal de saberes promovidos pela diáspora de África rasurando os lugares hegemônicos de conhecimento “monoculturais, monorraciais, de tempos lineares, os desvios ontológicos, os epistemicídios, o desarranjo das memórias, as produções de impossibilidades, os dismantelos e injustiças cognitivas”¹⁰.

A encruzilhada nos atravessa como epistemologia para *Corpo-flor* em sua potência de deslocamento de estados interespécies, “respondendo eticamente àqueles que historicamente ocupam as margens e arrebatando aqueles que insistem em sentir o mundo por um único tom.”¹¹. A imagem de Exu como transgressor versa sobre as “possibilidades de invenção nas frestas”.¹² A topologia da encruzilhada é a própria dimensão corpórea daquele que é o seu dono, mas ela é a rigor, por ser a corporeidade desse Orixá, um campo de vadição, como nos diz Rufino, enfatizando a importância desse campo como inteligibilidade e política de existência transbordante de plenitude da vida.

Como proposição metodológica de cruzo, inspirada na noção de encruzilhada, frente às diversas violências, modos de normatização, apagamento e forclusão do imageamento de uma episteme estética emancipatória juntamente com os trabalhos das artes visuais contemporâneas, trazemos as proposições de (re)ordenamento filosófico de Denise Ferreira da Silva¹³. Em um de seus ensaios, ela ecoa a escrita de Audre Lorde como estrutura crítica:

O que isso significa, quando as ferramentas de um patriarcado racista são usadas para examinar os frutos desse mesmo patriarcado? Significa que há limites restritos para as mudanças possíveis e admissíveis. (...) Aquelas entre nós que estão fora do círculo do que a sociedade julga como mulheres aceitáveis; aquelas de nós forjadas nos caminhos da diferença – aquelas de nós que são

⁸ RUFINO, 2019.

⁹ SIMAS&RUFINO, 2018, p.76.

¹⁰ RUFINO, 2017, p.120.

¹¹ RUFINO, 2019, p.73.

¹² Ibidem, p.77.

¹³ A Denise Ferreira da Silva é uma potente teórica e consultora em estudos decoloniais da atualidade, tem suas atividades acadêmicas como docente e diretora no Instituto de Justiça Social na universidade de Columbia, integrando questões de gênero, raça, sexualidade e justiça social. Denise tem se dedicado a deflagrar uma abordagem teórica e prática nos campos político, jurídico, ético, estético, cultural e artístico atravessada por perspectiva crítica acerca do evento racial decorrente do período histórico da colonização e seus desdobramentos na contemporaneidade

pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas – sabem que a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica.¹⁴

Em *A dívida impagável*¹⁵, Ferreira da Silva trata a noção de colonialidade como evidência do fato de que a contemporaneidade está baseada nas relações do regime colonial e mais ainda, investe sua existência em uma desqualificação e expropriação da vida das pessoas com base nos distintos e complexos modos com os quais o racismo se apresenta e estrutura as instituições em sociedade. Os produtos do colonialismo orientam nossas relações vitais e fundamentam uma equação de valor que rege a diferença do valor-negativo da vida das pessoas jovens negras.

Sua perspectiva também nos encaminha para pensar criticamente o valor e lugar no capitalismo da vida das crianças, dos povos nativos, dos diversos modos de ser mulher e dos femininos e das pessoas com questões de saúde mental. Nos posiciona eticamente frente às questões ético-ecológicas em empreendimentos como os da Usina de Belo Monte no Estado do Pará, das mineradoras da Vale e suas diversas formas de extrativismo, das ações genocidas dos garimpos nas terras indígenas. A tarefa do referido ensaio de Ferreira da Silva é a de criar um âmbito de entendimento das arquiteturas que sustentam o par Estado-Capital. Trata-se então de dar contorno a toda uma região de relações ético-jurídicas invisibilizadas, ou mesmo incompreensíveis, na medida em que habitam regiões disjuntivas do projeto de racionalidade em que está baseado o sujeito moderno. E este é um ponto fundamental para a autora. A operação que pode criar uma visada crítica para a oclusão das ferramentas da racialidade no processo histórico colonial, em sua perspectiva, é compartilhada com a poética negra feminista.

Ferreira da Silva delinea a lógica moderna como perversão, uma “dialética racial”, que opera com o apagamento das ferramentas de conhecimento que permitem a compreensão das bases racializadas do sujeito autodeterminado - impossível de manter seus pilares, sobretudo, após a articulação com a razão transcendental do espírito hegeliano. As operações da racialidade, em um contexto amplo global, têm um papel crucial para o capital e para a sustentação de seus diversos mecanismos de apropriação e expropriação moral, intelectual, afetiva e estética inferidos na geopolítica de populações, grupos minoritários e de corpos segmentados pela religiosidade, pelo gênero, por sua condição mental e etária. A crise dos refugiados, uma das últimas crises que abalou a Europa, manobrou o recrudescimento das políticas de opressão e de maneira não menos perigosa, a articulação de um discurso nacionalista branco que mobiliza as políticas de identidade.

Seu alvo filosófico no ensaio parte do delineamento das bases ontológicas e epistemológicas do sujeito moderno, identificadas como separabilidade,

¹⁴ A. Lorde, *Irmã outsider*, trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 Apud FERREIRA da SILVA, 2021, p. 193.

¹⁵ FERREIRA da SILVA, 2019.

determinabilidade e sequencialidade. O termo de frente como determinabilidade é a capacidade de decidir a verdade, tanto do ponto de vista do conhecimento, como também da crítica. A decisão é o que distingue esse sujeito político moderno no sentido de que ele determina as condições de possibilidade do conhecimento que concerne ao verdadeiro e não há ninguém ou nada hierarquicamente acima dele, na medida em que a morte de Deus já foi anunciada filosoficamente. Na separabilidade introduzida por Descartes entre a mente e o corpo humano, a mente, devido ao seu teor de constituição formal, é a instância capaz de determinar a verdade. A sequencialidade como resolução hegeliana para o progresso do espírito introduz o tempo na espacialidade geometral.

O pensamento de Ferreira da Silva é extenso e complexo, e não cabe nos lugares desse texto leva-lo às últimas consequências, no entanto, o atrito com seus princípios nos faz relacionar a instância do perecível em Castiel Vitorino Brasileiro com uma ação de re-ordenamento da separabilidade, em favor de um mundo implicado. Não estaríamos aqui no âmbito da pergunta sobre como pensar-agir outramente, nos termos de Ferreira da Silva? *Corpo-flor* exhibe o desmonte da separabilidade entre corpo, corpo negro e corpo travesti, ao mesmo tempo em que desarticula preceitos de interioridade nos fenômenos de transmutação. A terra e o corpo humano não nos parecem mais um efeito da sequencialidade temporal, mas do emaranhamento de seres e de tempos em fluxos intercambiáveis. Sentimos a promoção de um efeito ruinoso na determinabilidade da apreensão do humano por um estalar na paisagem, provocado por uma dimensão de alteridade radical.

Aqui, as falhas da física de partículas (quântica) oferecem a possibilidade de pensar fora dos limites da física de corpos (clássica). Por exemplo, o princípio da não-localidade sustenta um modo de pensamento que não reproduz as bases metodológicas e ontológicas do sujeito moderno, isto é, a temporalidade linear e a separação espacial. Justamente porque rompe essas articulações do tempo e do espaço, a não-localidade nos permite imaginar a socialidade de tal maneira que contemplar a diferença não pressupõe separabilidade, determinabilidade e sequencialidade, os três pilares ontológicos que sustentam o pensamento moderno. No universo não-local, o deslocamento (movimento no espaço) e a relação (conexão entre coisas espacialmente separadas) não descrevem o que acontece porque as partículas implicadas [*entangled*] (isto é, todas as partículas existentes) existem umas com as outras, sem espaço-tempo.¹⁶

A inquietação que advém aqui neste embate com o rumor provocado pelo trabalho destas mulheres (Castiel Vitorino Brasileiro + Denise Ferreira da Silva = artistas+filósofas+mulheres negras+tarô+macumbaria ou uma outra possibilidade de decifrar este mundo), nos enlaça nos atributos da tradução em jogo na obra de

¹⁶ FERREIRA da SILVA, 2019, p. 44

arte como capacidade fundamental deste humano e que, no entanto, não é propriedade dele. Judith Butler dá a ver uma semântica problemática na ontologia do significante *gender* provocadora de sua torção para o sexo. É possível pensar que o monolinguismo anglófono público em relação ao termo recupera insistentemente, por meio de um acordo reiterado na sociedade, a recusa do lugar semântico da sexualidade no termo. Assim, se abre um caminho para a definição de uma ideologia de gênero asfixiante e monolítica em tudo aquilo que envolve o significante. Paradoxalmente, sendo justamente destituído de seu caráter significante. No caso dos diversos sentidos paralisantes atribuídos a *gender*, eles parecem comparecer, além do lugar da própria negação da sexualidade, como recalque da linguagem naquilo que ela tem como potência de transformação e, portanto, de dar a ver o que se mobiliza na sociedade.

O termo *gender* foi inventado nos anos de 1950 e obteve popularidade no final da década de 1940 com a publicação da dissertação de John Money a respeito de pessoas, na época nomeadas como hermafroditas. Money elaborava procedimentos cirúrgicos e comportamentais com a finalidade de corrigir crianças intersexo em conformidade com as normas de gênero aceitas pela sociedade. Como nos explica Butler é no nível simbólico que se estabelecem os atributos definidores do sujeito:

Nos anos seguintes, Money usou o termo para descrever o que uma pessoa é, considerando-o um estatuto ontológico concedido aos infantes. Assim sendo, questões como – qual é o seu gênero? ou qual é o gênero da criança? não eram de fato possíveis em inglês até o fim da década de 1950 e, de modo ainda mais proeminente, nas décadas seguintes.¹⁷

O campo de disputas da linguagem nos interessa na percepção das agências de *Corpo-flor* como vetor de luta. Neste sentido, trazemos Tiganá Santana e seu ensinamento sobre a abundância ontológica que influenciou Brasil e Cuba, materializada naquilo designado pelo termo *Kalunga*: um transbordo do vazio (termo que conjuga ainda *Kalunga walunga mbungi*) “a partir do qual as coisas passaram a ser”. Na linguagem epistemológica negra do povo *bakongo* a energia originária é um complexo entrelaçar referido como *Kongo Kalunga, Nzambi Ampungo, Nzambi Mpungu, Mpungu Tulento*. *Kalunga* em sua complexidade é “água infinita dentro do espaço cósmico”, seu caráter líquido é *Kikongo*. O caráter de *Kalunga* é ser “fonte de poder universal que faz todas as coisas acontecerem no passado, faz as coisas acontecerem hoje, e, sobretudo faz as coisas acontecerem amanhã”.¹⁸

Em uma associação livre, temos talvez nesses breves apontamentos sobre o traduzir negro e sobre o enlace do recalque que o monolinguismo do termo

¹⁷ BUTLER. 2021, p. 376.

¹⁸ SANTANA. 2019, p. 67.

gender dá a ver, o significante perecível reformulando sua humanidade como aparência de um eclipse, como na definição que Castiel faz na publicação da exposição homônima:

Cura é uma experiência, e não uma palavra — assim como o eclipse. A cura e o eclipse são modos de dizer sobre acontecimentos inevitáveis que fogem do domínio do tempo linear ou do entendimento moderno. Os eclipses acontecem independente da forma que homo sapiens sapiens organizam seus calendários. Assim como os eclipses, a Cura Insondável modifica os cotidianos das vidas que dela participam.¹⁹

Considerações Finais

Como nos mostra Jota Mombaça, a opacidade é defendida por Edouard Glissant como contra trabalho da experiência visual na tradição da cultura iluminista, que ainda impressiona muitas análises contemporâneas, no combate às zonas obscuras não alcançadas pelo olhar claro do cidadão. A opacidade reencena um giro no tempo em nosso modelo de significação para nos lembrar que “a diferença em si mesma pode ainda lograr reduzir as coisas ao domínio do Transparente”. A opacidade é pensada como um direito, uma “condição de relacionalidade”.²⁰

Nesta dimensão, *Corpo-flor* é corpo saúde, a autonomia do *Corpo-flor* faz potência qual o tamanho do oceano, produção em guerra *Corpo-flor* é armadura, é processo de transmutação, puro reflexo da vida na criação, partindo daquilo que é desprezado, daquilo que é perecível, matéria orgânica transformada que comparece com beleza sublime e de suprema permanência do tramar, insistir na trama da insistência em permanecer viva. Perecível em sua torção é transmutação de vida/eclipse, é lugar de gozo, é proteção, é direito à opacidade, é direito à fartura. No lugar da história, o perecível é a não repetição do ciclo de violências. Aprendemos com Castiel.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *Eclipse*. Organização NY: *Center for Curatorial Studies, Bard College*. 2021. Disponível em <https://castielvitorinobrasileiro.com/eclipsebook>. Acesso em 20/12/2021.

¹⁹ Eclipse, 2021, p. 37.

²⁰ GLISSANT. Apud MOMBAÇA, 2020, pp. 10-11.

BUTLER, Judith. *Gênero em tradução: além do monolinguismo*. Cadernos de Ética e Filosofia Política | v. 39, n.º 2/2021 | Dossiê II Encontro do GT Filosofia e Gênero. pp. 364-387.

FERREIRA da SILVA, Denise. *A dívida impagável*. São Paulo: Edição: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

_____. *Hackeando o sujeito: feminismo negro e recusa além dos limites da crítica*. In Pensamento negro radical: antologia de ensaios. Apresentação maria Elvira Diaz-Benitez. São Paulo: Crocodilo&N-1 Edições, 2021.

MOMBAÇA, Jota. *A plantação cognitiva*. Arte e Descolonização, 9, São Paulo: MASP Afterall, 2020, pp. 3-12.

SANTANA, Tiganá. *Tradução, interações e cosmologias Africanas*. Cad. Trad., Florianópolis, v. 39, n.º esp., p. 65-77, set-dez, 2019.

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. 1964. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em <https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2018/08/contr-a-interpretacao-ensaio-susan-son-tag.pdf>. Acesso em 2 de dezembro de 2022.

RUFINO, Luiz. 2017. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. Orientadora: Carla Pinto Passos. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

_____. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Revista Periferia, V.10, n1.p.71-88, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio & RUFINO, Luiz. 2018. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro, RJ: Mórula.

Como citar:

DE OLIVEIRA, Dinah. Nas frestas do tempo: ensaios do perecível. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 456-466, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.038>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>